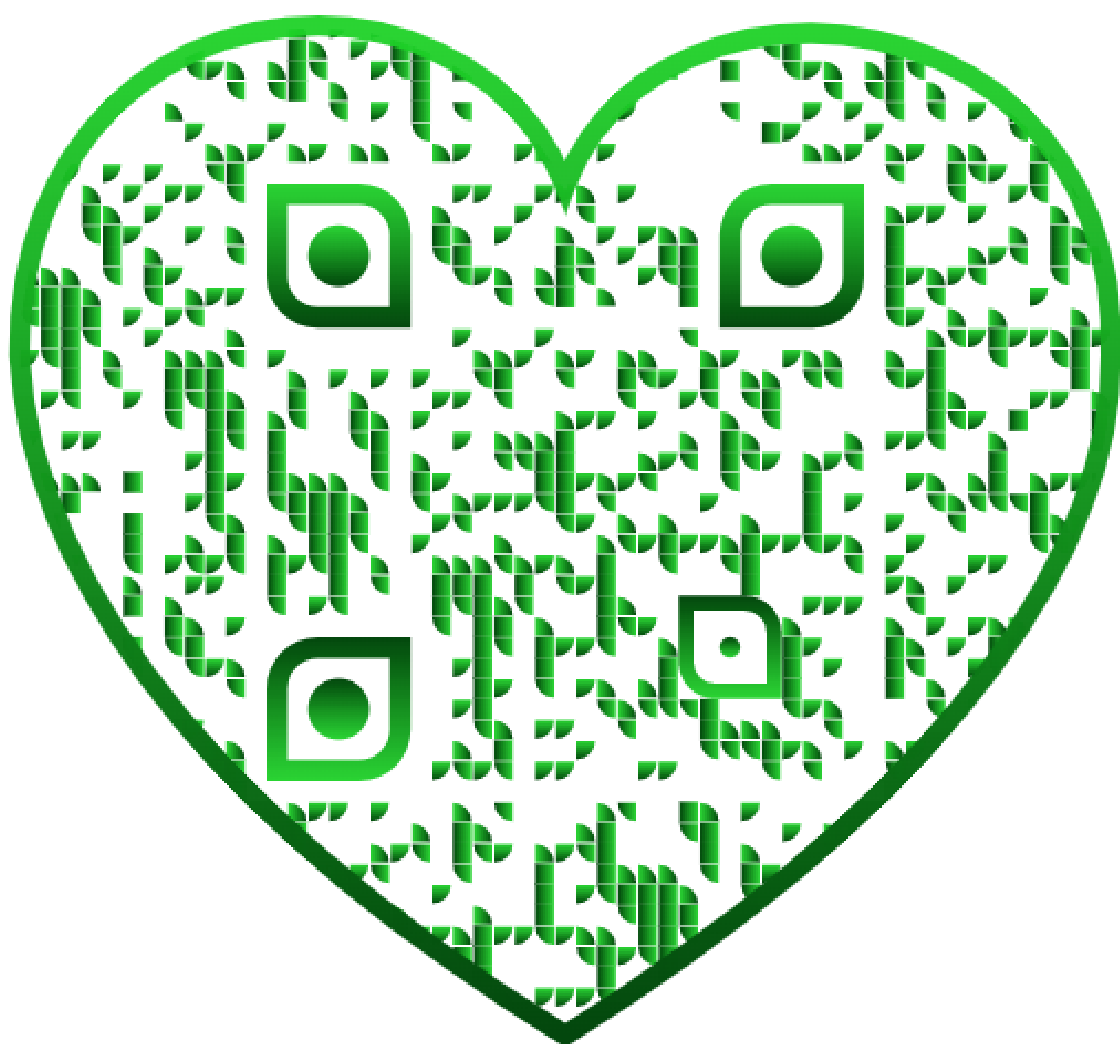
A Estampa da Casa Maldita

H.P. Lovecraft

Os amantes do horror freqüentam sítios estranhos e remotos. Nada desejam senão as catacumbas dos Ptolomeus e os mausoléus esculpidos dos países de pesadelo. Sobem às torres enluaradas das ruínas dos castelos de Rhine, descem negras escadarias, cobertas de teias de aranha, sob as pedras dispersas de esquecidas cidades da Ásia. A floresta encantada e a montanha inóspita são os seus santuários e eles se detêm longamente em torno dos sinistros monólitos de ilhas desabitadas. No entanto, o verdadeiro epicurista do horror, para quem uma desconhecida palpitação de inenarrável pavor constitui a finalidade maior e justificativa da existência, estima antes de tudo as fazendas antigas e solitárias do interior da Nova Inglaterra. Pois é ali que os soturnos elementos de força, solitude, grotesco e ignorância se combinam para moldar a quintessência do tétrico.

Dentre tudo quanto ali se vê, o mais hediondo serão as casinhas de madeira, sem pintura, distantes dos caminhos mais batidos, em geral agachadas sobre uma encosta úmida e relevosa ou encostada em algum gigantesco afloramento rochoso. Há duzentos e tantos anos estão ali encostadas ou agachadas, enquanto as lianas lançaram-se cada vez mais longe e as árvores incharam e se espalharam. Acham-se agora quase escondidas entre luxuriâncias desordenadas de verde e entre mortalhas guardiãs de sobras; mas as janelas de pequeninas vidraças ainda fitam o vazio chocantemente, como se pestanejassem em um estupor de morte, que



repele a loucura, ao embotarem as recordações de coisas indizíveis.

Em tais casas habitam gerações de gente estranha, pessoas como as quais o mundo nunca conheceu. Possuídos de uma convicção lúgubre e fanática, que os exilou do convívio da espécie, seus ancestrais procuraram a liberdade no ermo. Ali, os filhos de uma raça conquistadora realmente floresceram livres das restrições de vizinhos, mas se submeteram, em intimidante cativeiro, aos funestos fantasmas de suas próprias mentes. Divorciados das luzes da civilização, o vigor desses puritanos voltou-se para canais singulares; e em seu isolamento, sua mórbida auto-repressão e a luta pela vida, travada com a Natureza inexorável, voltaram-lhe sombrias características furtivas, emanadas das profundezas pré-históricas de sua fria herança nórdica. Por necessidades práticas, e por filosofia severa, essas pessoas não eram belas em seus pecados. Conquanto errassem, como erram todos os mortais, eram forçados por seu rígido código a buscar, acima de tudo mais, o segredo; por isso, passaram a mostrar discernimento cada vez menor, com relação ao que encobriam. Só as casas silenciosas, sonolentas e atentas, das áreas mais rudes, saberão dizer tudo quanto tem estado oculto desde os primeiros dias; mas não são comunicativas, repugnando-lhes afastar de si o torpor que as ajuda esquecer. Tem-se às vezes a sensação de que seria um ato de misericórdia demolir essas casas, pois devem sonhar amiúde.

Foi a um prédio antigo como o que descrevi que fui levado, em uma tarde de novembro de 1896, por uma chuvarada tão fria e copiosa que qualquer abrigo era

preferível a me deixar ensopar. Já fazia algum tempo que eu vinha viajando entre a gente do vale do Miskatonic, em busca de certos dados genealógicos; e a natureza remota, tortuosa e problemática de meu itinerário me convencera da conveniência de utilizar uma bicicleta, apesar de já ir adiantada a estação do ano. Agora eu me via em uma estrada aparentemente abandonada, que eu escolhera como sendo o caminho mais rápido para Arkham, surpreendido pela tempestade em um sítio distante de qualquer cidade, confrontando com nenhum outro refúgio, salvo a antiga e repulsiva edificação de madeira, que piscava com janelas ramelosas entre dois gigantes ulmeiros desfolhados, junto ao sopé de um morro pedregoso. Embora estivesse longe dos restos de estrada, onde eu me encontrava, ainda assim essa casa me impressionou desfavoravelmente desde o momento em que lhe pus os olhos. Edifícios honestos e sadios não fitam os viajantes de modo tão ardiloso e sobrenatural, e em minhas pesquisas genealógicas, se me haviam deparado lendas, velhas de um século, que me predispunham contra locais daquela espécie. Eis, porém, que a força dos elementos era bastante forte para superar meus escrúpulos, e não hesitei em dirigir minha máquina, ladeira acima, rumo à porta cerrada que parecia, a um só tempo, tão sugestiva e tão reticente.

Por alguma razão eu tomara com garantido que a casa estivesse abandonada. No entanto, ao me aproximar dela não tive tanta certeza, pois embora os caminhos que a ela levavam estivessem tomados pelas ervas daninhas, pareciam um pouco bem conservados demais para indicar total deserção. Por conseguinte, ao invés de tentar invadir aquela habitação, bati à porta, sentindo, ao fazê-

lo, uma inquietação que não poderia explicar. Enquanto esperava, de pé na laje áspera e musgosa diante da porta, lancei a vista para as janelas próximas e para as vidraças das quais ficavam por cima da porta, observando que, embora velhas, estralejantes e quase recobertas de poeira, não estavam quebradas. O prédio, portanto, devia ser habitado, apesar de seu isolamento e de seu ar de abandono. Contudo, minhas batidas não tiveram resposta, de modo que depois de repeti-las, experimentei a tranca enferrujada e verifiquei que a porta se abria. Havia no interior um pequeno vestíbulo, de cujas paredes caia o reboco, e lá de dentro vinha um odor fraco, mas particularmente nauseabundo. Entrei, carregando minha bicicleta, e fechei a porta. Diante de mim havia uma escada estreita, flanqueada por uma portinha que com toda probabilidade levava ao porão, enquanto que à esquerda e à direita havia outras portas, fechadas, de quartos no andar térreo.

Depois de encostar a bicicleta na parede, abri a porta da esquerda e entrei em um pequeno aposento de teto baixo, baçamente iluminado por duas janelas poeirentas e mobiliado de maneira mais simples e tosca possível. Parecia ser uma espécie de sala de visitas, pois havia uma mesa e várias cadeiras, além de uma imensa lareira sobre a qual tiquetaqueava um relógio antigo, no rebordo. Eram pouquíssimos os livros e jornais, e na penumbra reinante não pude perceber de pronto os títulos. O que mais me impressionou foi a atmosfera uniforme de arcaísmo exibida em todos os detalhes visíveis. Eu já verificara que a maioria das casas daquela região eram ricas em relíquias do passado, mas ali a antiguidade era curiosamente completa. Em todo aquele

cômodo eu não podia enxergar um único objeto que fosse claramente posterior à Revolução. Fossem os aprestos menos humildes, o lugar seria o paraíso para um colecionador.

Enquanto eu examinava aquele singular aposento, senti crescer a aversão que me havia provocado o exterior soturno da casa. Eu não seria capaz de definir com exatidão o que temia ou o que me repugnava, mas alguma coisa em toda a atmosfera parecia lembrar uma era ímpia, uma crueza desagradável e segredos que deveriam ser olvidados. Eu me sentia pouco propenso a me sentar, e pus-me a vaguear, examinando os vários artigos que havia observado. O primeiro alvo de minha curiosidade foi um livro de porte médio que estava sobre a mesa e que exibia tamanho ar antediluviano que maravilhou-me contemplá-lo fora de um museu ou de uma biblioteca. Estava encadernado em couro, com guarnições de metal, e achava-se em excelente estado de conservação. Era o tipo de volume que não se esperaria encontrar em moradia tão primitiva. Quando o abri na folha de rosto, meu pasmo só se fez aumentar, pois constatei que se tratava de uma raridade: o relato de Pigafetta sobre a região do Congo, escrito em latim, a partir das anotações do marinheiro Lopez e impresso em Frankfurt no ano de 1598. Eu já escutara várias referências a tal obra e às suas curiosas ilustrações, dos irmãos De Bry, e por isso esqueci momentaneamente minha ansiedade, empolgado pela ânsia de folhear aquele tomo. As gravuras eram de fato interessantes, desenhadas inteiramente com base na fantasia e em descrições infundadas, representando negros com pele branca e traços caucásicos; não teria fechado logo o livro

se um fato extremamente banal não houvesse perturbado meus nervos fatigados e redespertado a minha sensação de inquietude. O que me incomodou foi simplesmente a maneira como o volume insistia em abrir-se, por si só, na Estampa XII, que mostrava, em horrenda minúcia, um açougue dos anziques, raça de canibais. Senti alguma vergonha por minha suscetibilidade a coisa tão comezinha, mas ainda assim o desenho me agitava, principalmente depois de haver perscrutado alguns trechos próximos que descreviam a gastronomia dos anziques.

Eu voltara os olhos para uma prateleira próxima e estava a examinar seu escasso conteúdo literário — uma Bíblia do século XVIII, uma Marcha do Peregrino mais ou menos da mesma época, ilustrada com grotescas xilografias e impressa pelo fabricante de almanaques Isaiah Thomas, o miolo meio podre da Magnália Christi Americana, de Cotton Mather, e alguns outros livros que tinham evidentemente a mesma idade — quando tive a atenção despertada para o ruído inequívoco de passos no cômodo acima. Tomado de susto e sobressalto, tendo em vista a falta de resposta às minhas recentes batidas à porta, concluí logo em seguida que o caminhante acabava de despertar de um sono profundo, e percebi, com menos surpresa, que os passos soavam agora na escada rangente. As passadas eram pesadas, mas parecia, encerrar um curioso caráter de cautela, um caráter que mais me desagradava na medida em que o pisar era forte. Ao entrar no cômodo, eu fechara a porta de entrada. Agora, após um momento de silêncio durante o qual o caminhante devia estar inspecionando minha bicicleta, no vestíbulo, ouvi mexerem na tranca e vi a

porta almofadada abrir-se novamente.

Havia no portal uma pessoa de aspecto tão singular que eu haveria emitido uma exclamação sonora, se não fossem as restrições impostas pelas boas maneiras. Alto, de barbas brancas e esfarrapado, meu anfitrião possuía uma fisionomia e um porte que inspirava, ao mesmo tempo, estupefação e respeito. Sua estatura não seria inferior a um metro e oitenta, e apesar de um ar geral de velhice e pobreza, era forte e enérgico. Seu rosto, quase oculto por uma barba que lhe subia até os olhos, parecia anormalmente rubicunda e menos enrugada do que se poderia esperar. Sobre a testa alta lhe caía uma mecha de cabelos brancos que os anos não haviam debastado muito. Os olhos azuis, conquanto ligeiramente injetados, pareciam inexplicavelmente argutos e perspicazes. Não fosse seu terrível desalinho, o homem teria um ar de distinção, a igualar-lhe a imponência. Seu desleixo, não obstante, tornava-o desagradável, a despeito do rosto e do porte. Ser-me-ia difícil dizer em que consistia seus trajes, pois a mim se afiguravam compor-se tão somente de um acúmulo de trapos encimando um par de botas altas e pesadas; e sua falta de higiene era indescritível.

A aparição daquele homem, bem como o medo instintivo que inspirava, prepararam-me para algo como que hostilidade, de modo que quase estremeci, por surpresa e uma sensação de fantástica incongruência, quando ele me apontou uma cadeira e dirigiu-se a mim com uma voz débil e trêmula, cheia de lisonjeante respeito e hospitalidade aduladora. Sua fala era curiosíssima, uma forma extrema do dialeto ianque que eu julgara extinto havia muito tempo. E eu observei

atentamente quando ele se sentou diante de mim para conversar.

— Fostes surpreendido pela torrente, pois não? — saldou-me ele. — Agrada-me que estivésseis nas proximidades da casa e tivésseis o senso de entrar. Por certo eu estava a dormir, senão vou teria escutado... já não sou jovem como dantes, e hoje em dia fazem-me falta muitas horas de sono de dia. Estais de viagem? Não são muitos os que vejo percorrerem essa estrada, desde que retiraram a diligência de Arkham.

Respondi que estava de viagem a Arkham, e desculpei-me por invadir de modo tão rude o seu domicílio, ao que ele prosseguiu:

— Estou contente por ver-vos, meu senhor... são raras as caras novas por aqui e não tenho muito de que me ocupar nos dias que correm. Deveis ser de Boston. Acerto? Jamais estive lá, mas conheço os homens da cidade... tivemos aqui um, que era mestre-escola, em oitenta e quatro, mas ele partiu de repente e nunca mais tivemos notícias dele... — Neste Ponto o ancião soltou uma espécie de risadinha, e não deu explicações quando o interroguei. Parecia estar tomado de um extremo bom humor, embora revelasse aquelas excentricidades que se poderiam adivinhar em um homem tão idoso. Durante algum tempo, tagarelou com uma candura quase febricitante, até me ocorrer indagar-lhe como viera a ser possuidor de uma obra rara como Regnum Congo, de Pigafetta. Eu ainda estava sobre a influência do efeito que aquele livro me causara, e sentia uma certa hesitação em me referir a ele, porém a curiosidade suplantou todos os receios vagos que vinham acumulando-se continuamente desde que eu avistara aquela casa. Para meu alívio, a

pergunta não pareceu ser desastrada, pois o ancião respondeu-a de bom grado e longamente.

— Ah, esse livro africano? O capitão Ebenezer Holt vendeu-o-me em sessenta e oito... morreu na guerra, ele. — Alguma coisa naquele nome — Ebenezer Holt — fez com que eu erguesse rapidamente os olhos. Eu o encontrara em minha investigação genealógica, mas em nenhum registro, desde a Revolução, ele aparecia. Fiquei a imaginar se meu anfitrião não me poderia auxiliar na tarefa em que eu me aplicava e resolvi inquiri-lo a respeito mais tarde. Ele continuou a falar.

— Ebenezer comandou um navio mercante, de Salem, durante anos a fio, e coletou grande número de coisas estranhas, em todos os portos que tocava. Conseguiu isto em Londres, creio eu... gostava de comprar coisas nas lojas. De certa feita estive em sua casa, no morro, para negociar cavalos, e avistei este livro. Apreciei as gravuras, e por isso ele deixou que eu ficasse com ele, em uma troca. É um livro estranho... com licença, vou pegar meus óculos... — O velho meteu as mãos sujas entre seus farrapos, tirando do meio deles um par de óculos sujos e espantosamente antigos, com pequeninas lentes octogonais e aros de aço. Acavalou-os no nariz, pegou o volume sobre a mesa e virou as páginas com carinho.

— Ebenezer sabia ler um pouco isto... é latim... mas eu não sei. Pedi a dois ou três mestres-escolas que lessem um bocado para mim, e também ao pastor Clark, dizem que ele se afogou na lagoa... podeis entender o que diz? Respondi-lhe que sim e traduzi para ele um parágrafo perto do começo. Se me enganei em um ponto ou outro, ele não era suficientemente douto para me

corrigir. Deu mostras de um entusiasmo infantil por minha versão. Sua proximidade tornava-se um tanto aborrecida, mas eu não via meio de fugir dali sem o ofender. Divertia-me a satisfação infantil daquele velho ignorante pelas gravuras de um livro que ele não sabia ler, e comecei a imaginar se ele saberia ler os diversos livros em inglês que havia no cômodo. Essa mostra de ingenuidade dissipou grande parte da indefinida apreensão que eu havia sentido, e pus-me a sorrir enquanto meu anfitrião continuava a falar:

— Estranho como gravuras em um livro podem fazer uma pessoa pensar. Você está aqui. Já viste árvores como essas, com grandes folhas balançando para cima e para baixo? E esses homens... não podem ser negros... são o que há de melhor no livro. Semelham índios, acho, muito embora sejam africanos. Alguns deles têm figura de macacos, ou metade macacos, metade homens, mas nunca ouvi falar em coisa semelhante a isto. — Neste ponto ele apontou uma criação fabulosa do artista, que se poderia descrever como uma espécie de dragão com cabeça de crocodilo.

— Mas agora vou mostrar-vos o melhor... aqui, perto do centro... — A voz do ancião se tornou um pouco mais espessa e seus olhos ganharam um brilho mais intenso. Mas suas mãos inquietas, embora aparentemente mais desajeitadas do que antes, mostraram-se de todo adequadas à sua missão. O livro abriu, quase que por vontade própria, como que devido a freqüentes consultas àquele ponto, na repulsiva Estampa XII, que representava um açougue dos canibais anziques. Minha sensação de inquietação voltou, embora não a demonstrasse. O que havia de mais bizarro, era que o

artista havia feito os africanos semelhantes a brancos. Os membros e quartos pendurados pelas paredes do açougue eram hediondos, ao passo que o açougueiro, com seu machado, era horripilantemente incongruente. Entretanto, meu anfitrião parecia deleitar-se com a imagem, tanto quanto eu a abominava.

— Que pensais disto? Nunca vistes nada assim em nossas bandas, certo? Quando vi isto, eu disse a Eb Holt: "Eis uma coisa que agita a alma e faz o sangue correr mais forte". Quando lia nas Escrituras sobre mortandades — como a passagem da morte dos midianitas — eu refletia sobre aquilo, mas não fazia imagem do que fosse. Mas aqui uma pessoa é capaz de ver tudo quanto existe... creio que se trate de um pecado, mas não é verdade que nascemos, todos nós, e vivemos em pecado? Esse camarada aqui sendo cortado em pedaços... sinto um calafrio toda vez que olho... não consigo ficar muito tempo sem olhar... Vedes onde o carniceiro lhe cortou os pés? Vede ali a cabeça na mesa, com um braço a seu lado, enquanto o outro braço está do outro lado do bloco de magarefe.

Enquanto o homem prosseguia com sua falação, tomado de chocante êxtase, a expressão de seu rosto piloso se tornava indescritível, porém, sua voz antes se fazia mais grave que mais alta. Quanto às minhas próprias sensações, mal posso exprimi-las. Todo o terror que eu antes sentira vagamente se avolumou de maneira ativa e vívida, e percebi que detestava a velha e repugnante criatura, tão próxima a mim, com uma intensidade infinita. Que ele era louco, ou pelo menos mentalmente perturbado, parecia fora de dúvida. Agora ele quase sussurrava, com uma rouquidão mais terrível

do que um grito, e eu tremia ao escutá-lo.

— Como eu digo, é estranho como as gravuras fazem uma pessoa pensar. Sabeis, senhor, sou especialmente afeiçoado a esta aqui. Quando obtive esse livro com Eb, eu costumava examiná-lo freqüentemente, sobretudo depois de haver escutado o pastor Clark pregar seu sermão aos domingos, com aquela sua enorme peruca. Certa vez, fiz uma coisa engraçada... ora, senhor, não há razão para sustos... tudo que fiz foi olhar a gravura antes de matar os carneiros para levá-los ao mercado... matar carneiros ficava muito mais divertido depois de olhar... — A voz do ancião tornou-se agora muito baixa, a ponto de suas palavras ficarem quase inaudíveis. Eu escutava a chuva e o matraquear das vidraças sujas, atentando para o som surdo de uma trovoada, bastante inusitada naquela estação. Em certo momento, um clarão e um estrépto medonho sacudiram a frágil casa até os alicerces, mas o homem sussurrava sem parecer notar nada.

— Matar carneiros era bem mais divertido... mas, sabeis? Não era tão satisfatório. É estranho como uma ânsia toma conta de uma pessoa... Por amor a Deus, jovem, não conteis isso a ninguém, mas juro pelo Todo Poderoso que aquela gravura começou a me provocar fome de mantimentos que eu não podia criar nem comprar... ora, senhor, acalmai-vos, o que vos agita?... Nada fiz, apenas ficava a imaginar como seria se eu fizesse... Dizem que a carne dá sangue e músculos, que dá vida nova, de modo que eu imaginava se ela não faria um homem viver cada vez mais, se fosse mais igual... — O sussurro cessou aqui. A interrupção não foi causada por meu susto, nem pela tempestade que aumentava

rapidamente, em meio à fúria cuja eu daí a pouco abriria os olhos em uma solidão fumegante de ruínas enegrecidas. Foi motivada por um fato bastante simples, ainda que um tanto insólito.

O livro estava aberto diante de nós, com a gravura voltada repulsivamente para cima. Quando o velho murmurou as palavras "mais igual", ouviu-se um leve impacto de líquido e alguma coisa apareceu no papel amarelado. Pensei na chuva e em um teto com goteiras, mas a água da chuva não é vermelha. No abatedouro dos canibais anziques, uma gotícula vermelha luzia pitorescamente, emprestando autenticidade ao horror da gravura. O velho a viu e parou de sussurrar antes mesmo que minha expressão de horror o tornasse necessário. Viu-a e dirigiu o olhar rapidamente para o assoalho do outro quarto, de onde saíra uma hora antes. Acompanhei seu olhar e contemplei, pouco acima de nós, no reboco solto do velho teto, uma grande mancha irregular de escarlate úmido, que parecia espalhar-se diante de nosso olhar. Não gritei nem me mexi, mas apenas fechei os olhos. Um instante depois, seguiu-se o mais titânico de todos os raios, esmagando aquela casa maldita de segredos impronunciáveis e trazendo consigo o esquecimento, a única coisa capaz de salvar minha mente.